

EFEITOS DA TRANSIÇÃO DE ADOLESCENTES ESCOLARES DO ENSINO REMOTO PARA O PRESENCIAL EM PERÍODO PÓS-PANDÊMICO

Marciele Ferreira Fragoso¹; Isadora Ribeiro Meine²; Marina Peripolli Antoniazzi³

RESUMO

As medidas para restringir a contaminação pelo COVID-19 fizeram com que diversas instituições, como as escolas, fechassem suas portas como uma medida de prevenção, impossibilitando a ocorrência de aulas presenciais, sucedendo o estudo de forma remota e, consequentemente, alterando a rotina de alunos e professores. Desse modo, este relato de estágio em grupos tem por objetivo apresentar a experiência decorrente da realização de um estágio obrigatório do curso de Psicologia, no qual foram realizados Grupos Operativos. Estes, ocorreram em uma escola de ensino fundamental na cidade de Santa Maria - RS com adolescentes do sexto ano, os quais tencionaram elencar as demandas destes jovens que passaram pela pandemia e que estavam voltando ao convívio social na escola. Assim, durante sete encontros, foi possível visualizar diversas questões trazidas como a ansiedade, o *bullying*, a necessidade do diálogo, as relações de gênero e o estresse.

Palavras-chave: Adolescência, COVID-19, Escola, Grupo Operativo, Psicologia.

Eixo Temático: Educação, Cultura e Comunicação (ECC)

1. INTRODUÇÃO

O rápido alastramento do COVID-19 instaurou um contexto pandêmico em virtude da alta taxa de mortalidade propiciada. As autoridades sanitárias, buscando conter o avanço do vírus, adotaram, dentre outras medidas, o distanciamento físico e o confinamento residencial. Assim, o ensino pedagógico foi transportado do ambiente escolar, de forma presencial, para o doméstico, por meio remoto. Diante disso, Manguiera e outros autores (2020) relataram que a pandemia gerou amplo estresse para os adolescentes, cujas consequências traumáticas, podem desencadear sensações negativas e até de transtornos mentais, como a ansiedade, a depressão e o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Este último, de acordo com Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V (APA, 2016), é um quadro psicopatológico que surge em virtude da exposição, que pode ou não ter sido repetitiva, de uma pessoa a evento traumático. Como resultado, a pessoa

afetada detém alterações cognitivas negativas e no humor, podendo apresentar: comportamento imprudente ou autodestrutivo; hipervigilância; resposta de sobressalto exagerada; problemas de concentração; perturbação do sono; e incapacidade de recordar de algum aspecto importante do evento traumático.

Com a aplicação da vacina em significativa parte da população brasileira, as escolas decidiram, gradativamente, voltar para o ensino de maneira presencial. Nesse contexto de transição, por meio dos encontros grupais promovidos pelas autoras deste relato em uma escola com adolescentes, pode-se constatar a importância da Psicologia enquanto promotora de saúde mental. Visou-se, por meio de Grupos Operativos (G.O.), a criação de um espaço para a fala, a escuta e o acolhimento, tornando-se um ambiente de trocas significativas, propiciando o trabalho de emoções, conflitos e vivências.

À luz de Pichon Riviére, o G.O. tem como objetivo primordial o processo da mudança, a qual é possibilitada pela experiência de interação dos indivíduos entre si e com o meio ao qual pertencem. Para tanto, existem algumas etapas. A primeira é a da pré-tarefa, momento que emergem algumas ansiedades nos participantes, levando ao aparecimento de algumas resistências. Superadas as dificuldades desse momento, inicia-se a tarefa. O grupo torna-se, gradativamente, capaz de perceber suas problemáticas internas e de elaborar um projeto comum para resolvê-las. Assim, entra-se na terceira etapa, o projeto. Nesse momento, as histórias individuais, verticais, se entrelaçam em prol do objetivo comum, construindo uma identidade coletiva, horizontal. Há de se considerar que, nos grupos operativos, os integrantes acabam assumindo diferentes papéis, como de bode-expiatório, de porta-voz, ou de líder de mudança (BASTOS, 2010).

Diante de tudo, o referido estágio teve como objetivo geral realizar encontros com adolescentes em um Grupo Operativo, por meio de uma escola de ensino fundamental situada no interior do Rio Grande do Sul. Assim sendo, o presente relato visa abordar a questão da transição dos adolescentes do contexto de ensino remoto para o presencial e os respectivos atravessamentos percebidos na saúde mental desses jovens.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo pautado nas intervenções grupais realizadas com estudantes do sexto ano, que tinham entre 12 e 15 anos de idade, em uma escola de ensino fundamental situada na cidade de Santa Maria (RS), por meio de um dos estágios obrigatórios do curso de Psicologia da Universidade Franciscana - UFN.

Os primeiros contatos das estagiárias com os alunos ocorreram na realização dos convites, feitos de maneira presencial e *online*. Os conseguintes foram na escola, com a realização dos G.O. Pensou-se em realizar um encontro por semana, cada um com cerca de uma hora, entre os meses de outubro e dezembro de 2021. Contudo, eles se sucederam em dias e horários variados, uma vez que as estagiárias tentaram se adequar aos momentos disponibilizados pela escola. Então, ao todo, ocorreram sete encontros, sendo que alguns falharam uma semana ou houveram dois por semana. Ademais, planejou-se que a quantidade máxima por grupo seria de oito alunos, mas a média foi de duas a quatro pessoas por encontro, isso sem contar com as dinâmicas realizadas com as duas turmas, que contaram com cerca de quinze alunos.

Destarte, para cada encontro, foram produzidos materiais e dinâmicas, assim como a elaboração de um relatório semanal. Cada relatório foi trazido para o grupo de orientação de estágio, no qual acontecia a discussão dos temas e demandas elencadas durante cada encontro. Tais encontros e relatórios serviram de embasamento para o presente relato de experiência. Ademais, para correlação, foram coletados dados com base na pesquisa bibliográfica qualitativa acerca das temáticas vivenciadas no estágio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. Adolescência e Grupos Operativos em Escola

Para fins da prática do estágio e para a elaboração do presente relato, toma-se a perspectiva do Estatuto da Criança e do Adolescente acerca do que é considerado como adolescente. Para este, é adolescente a pessoa que está “entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 1990). Considera-se, ademais, que a adolescência é um período de transição entre a infância e a fase adulta, o qual é atravessado por inúmeros tencionamentos e alterações que concernem ao processo de adolecer, englobando fatores biofisiológicos e de ordem histórica, social,

econômica, étnica, cultural, de sexo, idade e estilo de vida (MEINE; CHEIRAM; JAEGER, 2019).

Nesse viés, a escola, por ser uma esfera social e educativa, mostra-se como um ambiente em que o adolescente poderá ressignificar simbolicamente aquilo que nele se encontra transbordante, como o medo, a angústia e a sexualidade (BRASIL *et al*, 2015). Assim, por meio de dinâmicas, conversas e intervenções, o G.O. no contexto educacional pode proporcionar aos seus participantes o desenvolvimento de aspectos: cognitivos, emocionais, o autoconhecimento, a empatia, a desinibição, a expressão criativa, a integração, a comunicação, as relações interpessoais e até vocacionais (SANTOS; LEAL, 2017).

O funcionamento do grupo dependerá do aproveitamento que é feito da potencialidade dos múltiplos vetores que o atravessam (ZIMERMAN, 1997). Assim, é importante saber como conduzir o grupo e reconhecer quais os manejos possíveis que podem ser desenvolvidos dentro do contexto em que esses sujeitos estão inseridos (CASTILHO, 2002). Diante disso, a atuação do Psicólogo nos G.O. caracteriza-se pelo apoio aos participantes, na mediação de conflitos, em manter o foco na fala do grupo, e assegurar o cumprimento das regras e dos princípios éticos (MOLITERNO *et al.*, 2012). Ademais, cabe a ele perceber a dinâmica grupal, organizar e adequar o ambiente, notar mudanças e comportamentos durante o desenvolvimento dos temas, como também iniciar ou fechar ciclos (SANTOS; LEAL, 2017). Além disso, cabe ao profissional manejar a transferência e promover intervenções criativas e inovadoras, bem como realizar pontuações e usos da palavra e, assim, intervir no campo discursivo (COUTINHO; ROCHA, 2007).

Diante do exposto, a seguir, serão encontradas as sínteses do que ocorreu em cada um dos sete encontros realizados com adolescentes. Por meio deles, pode-se constatar muito daquilo que a literatura traz acerca da correlação entre: adolescência, saúde mental, COVID-19, escola, Grupos Operativos e Psicologia.

3.2. Encontros dos Grupos Operativos

3.2.1 Encontro 1

O primeiro encontro ocorreu no dia dezenove de outubro de 2021 com a participação de uma aluna. A dinâmica elaborada pelas estagiárias foi com o origami

come-comes (vai-e-vem), que consiste em um dos participantes ficar com o origami e posicionar o dedo indicador e polegar dentro do dele e fazer um movimento de vai-e-vem, indicando os números escolhidos pelo restante dos participantes. Dessa forma, um deles responde a pergunta escolhida correspondente ao número. As perguntas dispostas no origami foram: 1) Quem é você?; 2) O que te faz feliz?; 3) Quais são seus dons e talentos?; 4) Como você se imagina daqui há 10 anos?; 5) Quem é a pessoa que você mais admira?; 6) Possui algum *pet*?; 7) Que tipo de música você gosta?; e 8) O que mais gosta de fazer na escola?. Dessas, foram realizadas apenas as perguntas 1, 4 e 8.

Durante a dinâmica, surgiram diversos assuntos com base na associação livre. Para Carvalho e Honda (2017), o termo associação livre, cunhado por Freud, refere-se ao ato de o paciente falar livremente, trazendo e associando os seus conteúdos por conta própria, conseguindo se aproximar de conteúdos inconscientes, encobertos por mecanismos de defesa.

Dentro das falas da participante, a que mais chamou atenção das estagiárias foi sobre a dependência de jogos *online* de seu irmão, que, por vezes, “troca o dia pela noite” para jogar. Ela ressalta que sua mãe reclama muito sobre isso e precisa desligar a internet para que ele pare de jogar. De acordo com Abreu et al. (2008), a dependência de jogos eletrônicos ocorre em função do tempo deslocado de atividades sociais para o *videogame*. Assim, o sujeito se desprende dos estudos, da convivência com amigos e familiares, alterando seu horário de dormir, praticar esportes etc., prejudicando-se (ABREU *et al.*, 2008). No entanto, é necessário afirmar que com apenas um encontro é difícil e improvável de realizar tais afirmações acerca de seu irmão, pois necessitaria-se de mais encontros e falas a respeito dessa questão.

3.2.2 Encontro 2

O segundo encontro ocorreu no dia vinte de outubro de 2021 com a primeira turma do sexto ano e durou cerca de quarenta e cinco minutos. Nesse caso, foi realizada uma dinâmica com a turma, em virtude da baixa adesão dos alunos ao G.O. no encontro anterior. A ideia foi envolver os alunos na dinâmica e estimulá-los a participar dos próximos grupos.

Para este encontro, pensou-se em uma dinâmica que fizesse todos os estudantes participarem. Programou-se o seguinte: primeiramente, os alunos se dispunham em formato de círculo e seria pedido para que dessem as mãos. Depois, seria pedido para que as soltassem e seria avisado que uma música tocaria por um instante e, quando ela parasse, todos deveriam parar onde estavam. Assim, seria orientado que os alunos segurassem com sua mão esquerda quem estava à sua esquerda na roda anteriormente formada e, com a mão direita, a pessoa que estava à sua direita. Por fim, seria dito para os alunos tentarem se desenrolar, mas sem largar as mãos com os colegas, visando deixar a roda como outrora estava. No entanto, não foi bem isso o que aconteceu. Houveram dificuldades de contato entre os meninos e as meninas, sendo que estas se mostraram mais abertas ao contato do que eles, tanto em relação ao próprio sexo como com o outro.

Perante isso, as estagiárias questionaram os estudantes sobre essa dificuldade, obtendo respostas diversas. No entanto, isso pode estar atrelado ao desenvolvimento normal, por assim dizer, desses jovens. Como salientam Meine, Cheiram e Jaeger (2019), na adolescência, tem-se amplos processos que elaboram a identidade. Assim sendo, Traverso-Yépez e Pinheiro (2005) dizem que, em cada cultura, as relações de gênero vão além das diferenças físicas e sexuais dos corpos. Elas contemplam uma gama de normas, papéis e valores sócio-culturais que dizem como um homem e uma mulher devem se comportar. Tais aspectos são incorporados no tecido social por meio de um processo chamado de socialização de gênero e estão presentes nos espaços de convivência cotidiana, como família e vizinhança.

3.2.3. Encontro 3

O terceiro encontro ocorreu no dia vinte e seis de outubro de 2021, com a participação de duas integrantes, durando cerca de quarenta e cinco minutos. No começo do grupo, as estagiárias perceberam que haviam alguns estudantes do sexto ano no pátio e, então, questionaram se eles gostariam de participar do grupo. Eles assentiram e se deslocaram até onde estavam as duas integrantes.

A dinâmica do dia propunha que os alunos escolhessem um ou mais *emojis* com os quais se identificassem e, feito isso, deveriam explicar o porquê para o

grupo. O intuito dessa dinâmica era favorecer os laços de identificação entre os componentes do grupo e, assim, formar vínculos. Como resultado, ocorreram diversas identificações entre os participantes, como o gosto por arte, festas e ambas se disseram apaixonadas por pessoas no geral. Além do mais, as participantes relataram ter problemas com ansiedade e/ou depressão. Porém, algumas características não foram compartilhadas, como o gosto por futebol, *games* e por maquiagem. Vale considerar que as estagiárias também participaram da dinâmica, o que, de acordo com Moliterno *et al.* (2012), pode favorecer o atenuar das fronteiras entre elas e as alunas, a transversalidade, o vínculo transferencial e uma melhor fluidez na conversa. Neste entendimento, Bechelli e Santos (2005) afirmam que um dos papéis do terapeuta é a mediação e o desenvolvimento do vínculo entre ele e os participantes do grupo, para que seja possível certo alívio do sofrimento mental sobre as demandas que poderão aparecer durante os encontros.

3.2.4 Encontro 4

O quarto encontro ocorreu no dia dez de novembro de 2021 com a segunda turma do sexto ano, contabilizando cerca de 15 alunos. A dinâmica planejada visava que cada participante desenhasse, com lápis de cor em uma folha branca de tamanho A4, a si mesmos ou algo que os representassem, como uma série, um filme, um desenho, amigos, família ou, até mesmo, algum objeto que eles gostem. Para tanto, as estagiárias organizaram os estudantes em um círculo feito com classes, de maneira que eles pudessem visualizar seus colegas, uma vez que tais produções seriam mostradas por todos. A dinâmica tinha como objetivo integrar os alunos, auxiliando-os a mostrarem quem são e a formarem vínculos. As estagiárias estabeleceram 15 minutos para que o desenho fosse realizado.

Alguns alunos desenharam eles mesmos, outros, bandas de música, jogos, séries, animais e objetos que eles gostam. Os alunos mostraram-se bem humorados e um pouco envergonhados em relação a mostrar seus desenhos e, por isso, alguns preferiram não os mostrar. De maneira geral, a turma colaborou para a atividade e gostou de realizá-la, demonstrando tristeza quando se deu o fim da dinâmica. Mangueira e outros autores (2020) relataram que a pandemia promoveu o confinamento e a falta de interação social entre crianças e adolescentes. Giusti

(2021) aponta que um grupo pode oferecer um espaço de escuta para a expressão e simbolização do sofrimento, proporcionando o compartilhamento de experiências subjetivas.

3.2.5 Encontro 5

O quinto encontro ocorreu no dia 17 de novembro de 2021 e durou cerca de uma hora. Nele, compareceram duas estudantes. A dinâmica foi a seguinte: a atividade consistia em cada componente do grupo, incluindo as estagiárias, escreverem três verdades e uma mentira sobre si mesmos. Depois, um por vez, narraria seus pontos escritos e o grupo tentaria adivinhar qual alternativa é a falsa. Essa dinâmica tinha por intuito fazer com que os componentes do grupo pudessem falar sobre si, favorecendo tanto que pudessem haver identificações entre os membros do grupo quanto criar um espaço para eles falarem sobre questões que possam estar acarretando em angústia.

No decorrer do grupo, além de as participantes fazerem alguns desenhos abstratos nas folhas que foram entregues, falou-se sobre assuntos diversos, incluindo: histórias das participantes, bandas de música, questões familiares e escolares, notícias atuais, sobre alguns meninos que as alunas “gostam” e sobre *bullying*. Em relação a este último, uma das alunas constatou que isso a fez mudar para a atual escola. O *bullying*, para Barros, Carvalho e Pereira (2009), envolve aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e individuais e seus impactos mostram-se amplos para todos os envolvidos. No caso das vítimas, elas tendem a terem: maior probabilidade de sofrer com sintomas de depressão e com baixa da auto-estima na idade adulta; prejuízos no rendimento escolar; apresentarem frequentes problemas de relacionamentos sociais, íntimos e familiares (BARROS; CARVALHO, PEREIRA, 2009); a não terem vontade de ir para a escola; medo; tristeza; vontade de mudar de escola; e a vontade de machucar o colega que o agrediu (PIMENTEL; MÉA; PATIAS, 2019).

3.2.6 Encontro 6

O sexto encontro ocorreu no dia vinte e quatro de novembro de 2021 e durou cerca de uma hora. O grupo contou com uma aluna e ele ocorreu na sala em que

esta costuma ter aula. A dinâmica planejada tinha o intuito de desenvolver uma atividade relacionada ao *bullying*, mas que não pode ser aplicada, uma vez que a estudante que havia relatado a experiência no encontro anterior não havia comparecido. Assim sendo, iniciou-se uma conversa livre com a participante que havia comparecido, a qual trouxe uma história de conflito que vivera com uma de suas amigas. Munindo-se disso, as estagiárias sugeriram outra dinâmica, a qual não foi previamente pensada. Como havia sido levado cartolina e canetas coloridas, as estagiárias propuseram a construção de uma estória. Primeiramente, uma delas começou a contar uma estória, logo, passou a vez para a participante e, então, a outra estagiária também fez a sua. Depois, as estagiárias propuseram à participante que esta fizesse um “enodamento” das três estórias, fazendo com que todas as personagens interagissem. Então, as estagiárias propuseram uma situação-conflito, a qual deveria ser solucionada pela participante. Após alguns minutos de debate e reflexão, a aluna e as estagiárias chegaram a conclusão de que a questão poderia ser resolvida por meio da conversa. Esta questão, foi então “linkada” com a história que a participante havia passado com sua amiga. Após o diálogo sobre a importância de externalizar de maneira saudável os seus sentimentos pela conversa, explicou-se o que é empatia e quais são as formas de utilizá-la no cotidiano.

Perante isso, constata-se que a autopercepção a respeito dos próprios sentimentos é de extrema importância, mas ainda pouco explorado por jovens, que estão se desenvolvendo, física e emocionalmente. Dessa forma, Assis e Avanci (2004) destacam que o limiar entre a infância e adolescência é um momento em que o jovem adquire diversas influências, como características, atitudes e comportamentos. Nesse entendimento, é tangível afirmar que a experiência de sair da infância para a adolescência é tida como angustiante, podendo elencar diversos sentimentos e, conseqüentemente, a dificuldade por não expressá-los.

3.2.7. Encontro 7

O sétimo e último encontro ocorreu no dia primeiro de dezembro de 2021, desta vez as estagiárias não prepararam nenhuma dinâmica, pois consentiram que poderiam surgir demandas das quais não seriam atendidas em futuros momentos. Nesse encontro compareceu apenas uma participante, que já tinha comparecido em

outros grupos, foi dito que seria um encontro de encerramento das atividades e de dar o *feedback* sobre como foram os grupos, se a participante teria alguma crítica ou sugestão sobre as dinâmicas e a maneira pela qual as estagiárias conduziram os grupos. No *feedback*, a participante salientou o quanto o grupo a auxiliou a dialogar sobre suas questões pessoais e o quanto a comunicação é importante nas relações coletivas e individuais.

As identificações da participante com outros grupos também foi uma pauta discutida, sendo importante analisar o quanto ela se coloca em grupos que não pertence, ou seja, que ela não tem identificações, e sim, vontade de pertencimento, e o quanto isso é comum na idade e na fase que está. Porém, ela pode experimentar novas experiências e grupos, como identificações transitórias, e analisar o quanto aquilo fez bem ou mal para ela. É possível, assim, compreender uma perspectiva sobre grupos, da qual Capitão e Heloani (2007) argumentam que um grupo tem seu próprio psiquismo e uma mente grupal, que exerce uma influência sobre outros grupos e sobre os próprios membros. Assim, cada membro exerce uma identidade dentro desse grupo, podendo abandonar algumas características pessoais e assumir a identidade própria do grupo.

4. CONCLUSÃO

No grupo operativo abordou-se diversos assuntos, como: a dependência de jogos eletrônicos, o desinteresse por estudos, ansiedade, estresse, problemas com amigos e com familiares. Além disso, surgiram questões sobre a divergência entre o grupo dos meninos e o das meninas, a dificuldade de expressar sentimentos e emoções, o *bullying* e, principalmente, a necessidade de interação social.

Ressalta-se que, na realização do estágio, a instituição escolar acolheu as estagiárias, dando todo o suporte necessário e facilitando a realização dos grupos. Mesmo assim, não houve a participação desejada, em termos numéricos e de frequência dos participantes. Apesar disso, a realização dos grupos mostrou-se de grande valia. Os participantes, que não tinham muita vinculação entre si, tiveram espaço para falarem de si e, dessa forma, exporem gostos, sentimentos, vivências e criarem vínculos.

Por fim, vale frisar que foram poucos os encontros realizados frente à complexidade dos assuntos que foram trazidos. Sendo assim, é possível constatar a importância da atuação contínua em Psicologia no universo escolar, possibilitando que os alunos sejam amparados tanto de maneira grupal como individual.

REFERÊNCIAS

ABREU et al. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 30, n. 2, p. 156-167, 2008.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**: DSM 5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARROS, P. C.; CARVALHO, J. E.; PEREIRA, M. B. F. L. O. Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. **Congresso Nacional de Educação - EDUCERE**, 9, Curitiba, Brasil, 2009 – “Políticas e práticas educativas: desafios da aprendizagem : actas”. Curitiba: Champagnat, 2009. p. 5738-5757. Disponível em: <http://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/10169/1/Um%20estudo%20sobre%20o%20bullyingEDUCERE2009.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2021.

BASTOS, A. B. B. I. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. **Psicólogo InFormação**, v. 14, n. 14, p. 160-169, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v14n14/v14n14a10.pdf>. Acesso em: 07 set. 2022.

BECHELLI, L. P. C.; SANTOS, M. A. O terapeuta na psicoterapia de grupo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem [online]**, v. 13, n. 2, p. 249-254, 2005.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. ano 1990. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

BRASIL, K. C. T. R. et al. Adolescência, violência e objetos culturais: uma intervenção entre o educativo e o terapêutico no espaço escolar. **Estilos da Clínica**, v. 20, n. 2, p. 205-225, 2015.

CAPITÃO, C. G.; HELOANI, J. R. A identidade como grupo, o grupo como identidade. **Aletheia**, Canoas, n. 26, p. 50-61, dez. 2007.

CARVALHO, V. O.; HONDA, H. Fundamentos da associação livre: uma valorização da técnica da psicanálise. **Analytica**, v. 6, n. 10, p. 46-56, 2017.

GIUSTI, J. **Vivências de uma residente em saúde mental no cenário de pandemia da Covid-19**. 2021. 30 f. Dissertação (Trabalho de conclusão de residência) - Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

MANGUEIRA, I. F. B. et al. Saúde mental das crianças e adolescentes em tempos de pandemia: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 11, p. 1-8, 2020.

MOLITERNO et al. A atuação do psicólogo com grupos terapêuticos. **Rev. Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde Fits**, v. 1, n. 1, p. 95-98, nov. 2021. Acesso em: 4 Novembro de 2021.

MEINE, I. R.; CHEIRAM, M. C.; JAEGER, F. P. Depressão e suicídio: o adolescente frente a fatores de risco socioculturais. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 12, p. 1-15, 2019.

PIMENTEL, F. O.; MÉA, C. P. D.; PATIAS, N. D. Vítimas de bullying, sintomas depressivos, ansiedade, estresse e ideação suicida em adolescentes. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 23, n. 2, p. 205-21, 2019.

TRAVERSSO-YÉPEZ, M. A.; PINHEIRO, V. S. Socialização de gênero e adolescência. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 147-162, 2005.